



O LADO
ROQUEIRO DE
Sir Elton

ELTON JOHN NO CARIBOU RANCH, NO COLORADO (EUA), DURANTE AS GRAVAÇÕES DE 'ROCK OF THE WESTIES', EM 1974

REEDIÇÃO ESPECIAL DE 'ROCK OF THE WESTIES', UM DOS ÁLBUNS MAIS ROCK & ROLL DE ELTON JOHN, TRAZ GRAVAÇÕES BRUTAS E HISTÓRICAS TIRADAS DAS SESSÕES ORIGINAIS DE 1975 SEM A PRESENÇA DA BANDA FORMADA PARA GRAVAR O DISCO. PÁGINA 3

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS



Divulgação

Espectáculo reúne música e dança para celebrar o compositor

Tocando e dançando a música de Radamés

“Homenagem a Radamés Gnattali: Na Pele do Brasil” leva à Sala Cecília Meireles um espetáculo que reúne música e dança, com direção geral de Eric Frédéric e direção musical de Roberto Gnattali.

O programa reúne 13 obras do compositor e percorre diferentes momentos de sua produção. Maria Teresa Madeira (piano) e os percussionistas Fabiano Salek e Marcus Thadeu são o elo entre a

obra de Gnattali e a linguagem coreográfica, explorando por meio do movimento diferentes aspectos rítmicos e expressivos de suas composições.

“Na Pele do Brasil” apresenta a obra de Gnattali a partir do encontro entre música e corpo, valorizando a diversidade rítmica presente no repertório do compositor. Quinta e sexta (22 e 23), às 19h. A partir de R\$ 20.

Villa em Niterói

O Quarteto Atlas, formado por Ricardo Amado e Carlos Mendes (violinos), Ricardo Taboada (viola) e Ricardo Santoro (violoncelo), abre a turnê pelo estado do Rio de Janeiro do projeto “Villa-Lobos e os Quartetos de Cordas” na terça-feira (20), às 19h, no Teatro da UFF (Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí), oferecendo concertos gratuitos e master classes. Os ingressos devem ser retirados uma hora antes do espetáculo. A turnê segue em seguida para o Rio de Janeiro, Vassouras e Petrópolis, sempre com entrada franca.

Flautas no hall

A Orquestra Carioca de Flautas vai interpretar clássicos do choro, do samba e da MPB no hall de entrada do Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241) quinta-feira (15), às 17h30. Entrada franca.

Brahms-Schumann

A Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) segue no Festival Brahms-Schumann sábado (17), às 17h, e domingo (18), às 11h, na Sala Cecília Meireles, com regência de Neil Thomas. A partir de R\$ 20.

Trompete no Municipal

Concerto internacional da Orquestra Petrobras Sinfônica, domingo (18), às 17h, no Theatro Municipal, regência da maestra venezuelana Glass Marcano (foto). No programa, “Concerto para Trompete” de Wynton Marsalis, com o trompetista francês Éric Aubier, e a “Sinfonia nº 10”, de Dmitri Shostakovich. Ingressos a partir de R\$ 20.



Andreina Porto/Divulgação

Autoralidade forjada à distância

Bianca Gismonti e violonista português Manuel de Oliveira apresentam no Manouche repertório autoral gestado a partir de encontros nas redes

AFFONSO NUNES

Bianca Gismonti e o violonista português Manuel de Oliveira chegam ao Manouche nesta quarta-feira (14) com um duo de repertório autoral. Piano e violão cruzam fado, música brasileira, jazz e improvisação numa parceria que nasceu à distância, foi adiada pela pandemia e encontrou no palco brasileiro seu primeiro ponto de realização.

O contato começou antes da crise sanitária. Admirador de Egberto Gismonti, Manuel encontrou nas redes sociais o trabalho de Bianca, filha do compositor e multi-instrumentista, e decidiu escrever para ela. Em entrevista ao site *Scream & Yell*, o músico contou que reconheceu na pianista uma identidade própria, ainda que atravessada pela influência de Egberto. Bianca recebeu gravações de suas composições e percebeu afinidades, mas o encontro precisou esperar.

O diálogo foi retomado quando Oliveira voltou a procurá-la, a propósito de um convite para tocar no Amajazzon, em Belém. A apresentação acabou sendo a estreia do duo e confirmou uma percepção construída naquelas conversas: os dois vinham de escolas e geografias distintas, mas compartilhavam uma maneira de lidar com o espaço da canção. Segundo eles, os ensaios tiveram uma fluidez incomum; as composições chegavam prontas,



Divulgação

Manuel de Oliveira e Bianca Gismonti vêm de escolas e geografias distintas, mas compartilham uma maneira de lidar com o espaço da canção

“Meu coração aponta para o Brasil, para um momento muito especial”

MANUEL DE OLIVEIRA

mas permaneciam abertas às intervenções do outro.

Em março, a parceria ganhou uma primeira turnê brasileira, com oito apresentações. A dupla já gravou um primeiro álbum, previsto para este ano, e planeja nova turnê europeia em 2027. O show no Manouche registra um repertório em construção, aberto a composições recentes.

“Meu coração aponta para o Brasil, para um momento muito especial”, afirma Manuel de Oliveira sobre a série ao lado de Bianca, a quem chama de “pianista de sensibilidade profunda”. A brasileira define o encontro como “uma celebração

íntima e poderosa”, sustentada por “liberdade, improviso e emoção”.

Bianca Gismonti começou cedo: aos 15 anos, acompanhou o pai em palcos internacionais. Formada em piano pela UFRJ, consolidou-se ao lado de Claudia Castelo Branco no Duo Gisbranco, criado há duas décadas e dedicado à formação de dois pianos. Em carreira solo, lançou “Sonhos de Nascimento”, em 2013, e desenvolveu o próprio trio, entre rigor de escrita e liberdade de execução.

Manuel de Oliveira construiu uma carreira de mais de duas décadas na música instrumental portuguesa. O álbum “Ibéria 20|22” lhe rendeu o Prêmio Carlos Paredes em 2023. Egberto Gismonti é uma de suas referências assumidas, ao lado do flamenco de Paco de Lucía, do jazz e da canção portuguesa.

SERVIÇO

BIANCA GISMONTI E MANUEL DE OLIVEIRA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983) | 14/10, às 20h
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Edição comemorativa de 'Rock of the Westies' traz faixas inéditas de Elton John em voz e piano antes de sua consolidação em arranjos com uma banda potente

AFFONSO NUNES

Em 1975, Elton John parecia incapaz de errar comercialmente. "Rock of the Westies", seu décimo álbum de estúdio, chegou em outubro daquele ano como registro de uma mudança em andamento: o cantor acelerava o som, montava uma nova banda e já era cobrado por uma crítica que enxergava fórmula onde o público via exuberância. Cinquenta anos depois, a reedição devolve esse momento à escuta.

Prevista para 20 de novembro pela UMR, a edição comemorativa reúne o disco original e, nas versões expandidas, nove gravações inéditas reduzidas a Elton John e seu piano, feitas nas sessões de 1975. Sem as duas guitarras, baixo, bateria e percussão, elas expõem a arquitetura das canções escritas com Bernie Taupin. Na versão de "Street Kids" já divulgada como single sobressai o piano insistente e a dimensão áspera da interpretação vocal.

O álbum nasceu em circunstâncias pouco usuais para uma estrela que já operava em escala de estádio. A formação que entrou no Caribou Ranch, no Colorado, para gravá-lo tinha apenas 33 dias de estrada conjunta. Ao lado de Davey Johnstone, parceiro de longa data nas guitarras, chegaram Caleb Quaye, também guitarrista; James Newton Howard, nos teclados; Kenny Passarelli, no baixo; e Roger Pope, na bateria. Ray Cooper manteve-se na percussão. Pouco antes das sessões, esse grupo havia ensaiado em Amsterdã e tocado para 72 mil pessoas no Wembley Stadium, em Londres.

A troca de pulso molda o álbum. Depois de obras expansivas como "Goodbye Yellow Brick Road" e do tom autobiográfico de "Captain Fantastic and the Brown Dirt Cowboy", lançado apenas cinco meses antes, Elton acelerou. "Rock of the Westies" privilegia bateria mais pesada, baixo

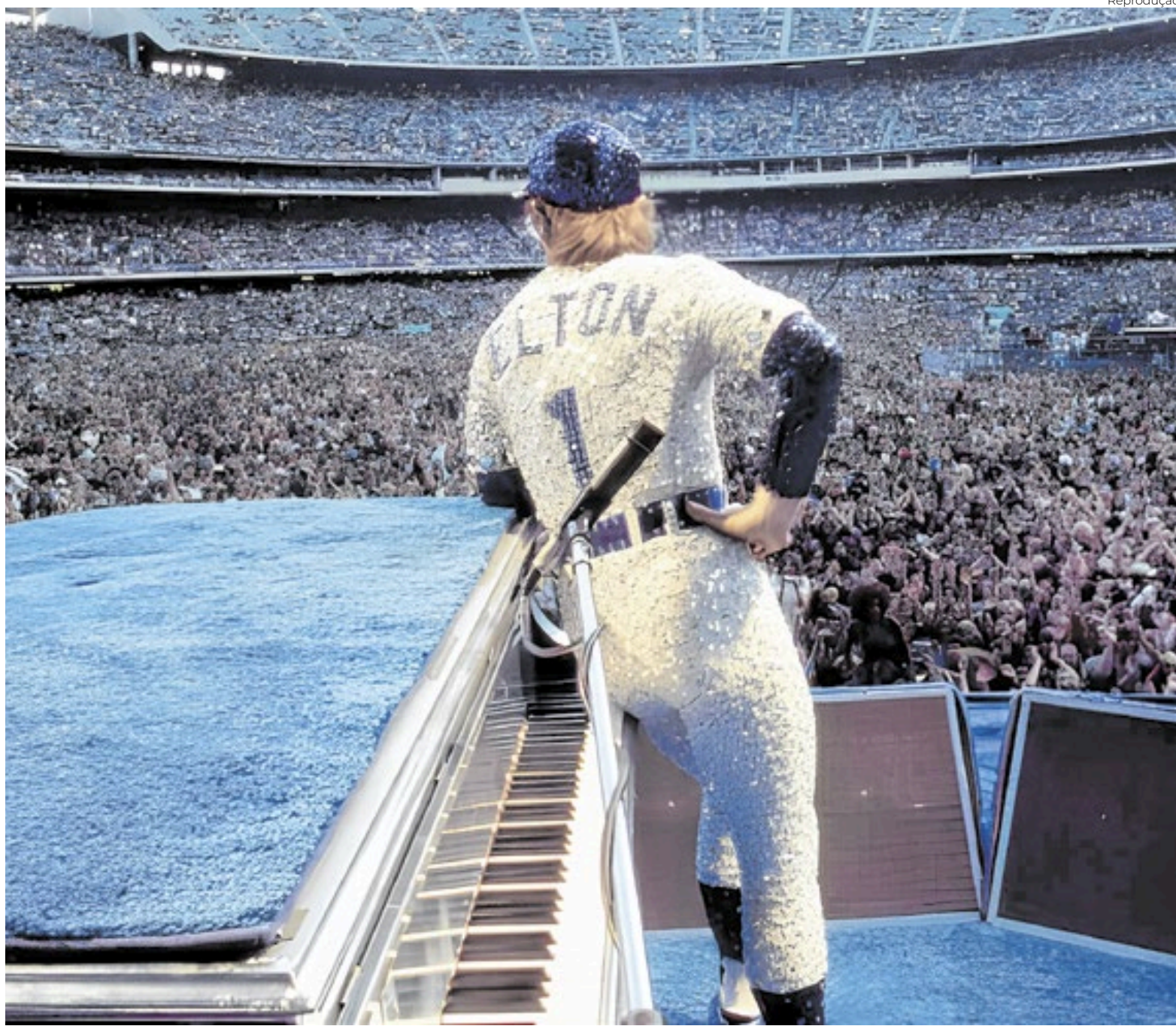


Imagem da histórica apresentação de Elton John no Dodger's Stadium, em Los Angeles (EUA), anterior ao lançamento do álbum

Um artista se arriscando em pleno sucesso



Divulgação

de recorte funk, guitarras em dobro e um piano menos dado à solenidade. No repertório, "Grow Some Funk of Your Own", "Street Kids" e o medley de abertura

fazem a banda soar como uma máquina em turnê; "I Feel Like a Bullet (In the Gun of Robert Ford)" preserva, em contraste, a vocação de Elton para a balada dramática.

O próprio artista hoje define o trabalho como "o mais genuíno disco de rock and roll" que fez. O trabalho é um ponto fora da curva numa discografia lembrada pelos grandes arranjos pop e pelas baladas. Em vez da suite de estúdio, a energia pulsante e o tesão de uma banda recém-montada. Ray Cooper resumiu a mudança em novos riffs, baixo mais funk e bateria

mais pesada.

O resultado foi um êxito de mercado. "Rock of the Westies" estreou no topo da Billboard 200 — repetindo o feito inédito de "Captain Fantastic" poucos meses antes — e ficou três semanas na liderança.

Na página oficial de Elton John, é identificado como seu sétimo álbum consecutivo em primeiro lugar nos Estados Unidos. "Island Girl", de marimbas e balanço caribenho, passou três semanas no nº 1 da Billboard Hot 100; o álbum recebeu platina nos EUA e ouro no Reino Unido. Na

Grã-Bretanha, alcançou o Top 5.

Naquele 1975 era como se Elton operasse em escala industrial. E era isso mesmo: lançou dois álbuns, conduziu espetáculos no Wembley e no Dodger Stadium e manteve uma presença radiofônica rara. A reedição revisita, assim, um instante em que a escala do artista parecia tão grande quanto sua produtividade.

A recepção crítica inicial foi bem menos unânime que as vendas. Em resenha de 1975 na "Rolling Stone", Stephen Holden avaliou que a nova banda alterava a superfície do som, sem mudar profundamente as canções. Décadas depois, o álbum ainda divide leituras: há quem o veja como o último grande arranco roqueiro da fase setentista; outros o situam abaixo dos títulos que consolidaram o artista no Olimpo da música. E isso torna o álbum tão interessante: a ousadia de um artista consagrado em testar novas linguagens musicais.

As novas faixas de voz e piano da edição comemorativa permitem ao público ouvir o que havia antes da engrenagem sonora ser montada: melodias, acentos rítmicos e um pianista em pleno domínio técnico.

Aos 50 anos, "Rock of the Westies" é a fotografia de uma transição. É o som de Elton John no auge, disposto a se divertir — e a se arriscar.

Reprodução

Na pista da sobrevivência

Montagem de Orlando Caldeira, 'Cruise' aproxima gerações LGBTQIAPN+ e faz do Soho dos anos 1980 um espaço de luto, desejo e resistência

Em uma longa conversa telefônica, um jovem voluntário e um homem que atravessou os anos mais duros da epidemia de HIV/aids se encontram em tempos distintos. É dessa escuta que "Cruise — Minha Última Noite na Terra" parte para reconstruir, no palco, um período em que a liberdade nas pistas de dança convivia com o medo, a perda e a violência do preconceito. Primeira montagem brasileira do texto do britânico Jack Holden, o espetáculo está em cartaz no Teatro Glauco Gill, em Copacabana, com Igor Cosso em cena e direção de Orlando Caldeira.

Cosso interpreta Jack, voluntário de uma central de apoio à comunidade LGBTQIAPN+, que recebe a ligação de Michael. Mais velho, o interlocutor conduz o rapaz por uma noite de lembranças que atravessa o Soho londrino dos anos 1980. No centro da narrativa estão homens que descobriram nos clubes, na música e nos encontros casuais uma possibilidade de pertencimento, ao mesmo tempo em que precisavam responder à chegada de um vírus então cercado por desinformação, abandono e moralismo.

Holden escreveu "Cruise" a partir de histórias colhidas quando trabalhou como voluntário no Switchboard, serviço britânico de escuta e apoio à população LGBTQIAPN+.

O sobrevivente Michael carrega consigo desejo, humor, perdas e ambivalências. A dramatur-

gia entende que lembrar aquela geração exige falar da morte, mas também da festa: para muitos corpos marginalizados, a pista era abrigo, convívio e uma forma de continuar vivo.

Com tradução de Rodrigo Nogueira, o texto convoca re-

ferências da cultura clubber, de George Michael e Pet Shop Boys à consolidação da house music, mas o que sustenta a narrativa é o movimento entre duas gerações: Jack, que escuta uma história anterior à sua, e Michael, que transforma uma ligação em trans-

missão de memória. A conversa cria uma ponte entre a urgência da juventude e a experiência de quem precisou sobreviver ao que, nos anos 1980, era frequentemente entendido como sentença de morte.

Orlando Caldeira conduz o



Igor Cosso no monólogo 'Cruise', escrito a partir de histórias colhidas no serviço social britânico

Divulgação

monólogo com ritmo alto, sem confundir velocidade com atropelo. A encenação encontra na dança uma ferramenta narrativa: o corpo de Cosso muda de registro, personagem e tempo, e a coreografia também materializa a tentativa de elaborar o luto. O diretor evita a ilustração literal de uma época; prefere construir um fluxo em que música, luz e movimento fazem o espectador oscilar entre a euforia de uma boate e a solidão de uma conversa noturna.

O desafio do intérprete é justamente

sustentar esse trânsito sem apoio de contracenar visível. Sua atuação organiza os diferentes interlocutores com precisão e não abandona o protagonista no desenho de Michael. Jack é, afinal, o filtro por meio do qual o público descobre a história: alguém que chega àquele legado sem ter vivido seus códigos e aprende, aos poucos, que a memória de uma comunidade não é uma cronologia pronta. É uma disputa contra o apagamento.

A entrega física do ator dá ao solo a pulsação necessária, especialmente quando a dança deixa de servir à reconstituição de uma noite e passa a expressar ausência e permanência.

A cenografia e a iluminação de Vito Fragoso colaboram com essa passagem. Um piso avermelhado, uma parede de ferro com grades e uma estrutura central flexível sugerem tanto a atmosfera de um clube quanto os limites impostos aos corpos que ali buscam liberdade. As lâmpadas tubulares, tripés e ribaltas de LED não funcionam apenas como decoração de boate: a luz altera a escala emocional da cena e cria recortes para a memória.

Ao usar "Top Gun" e a imagem de Tom Cruise como ponto de observação sobre masculinidade, o espetáculo aproxima o passado de Michael de discussões ainda abertas. Com afeto, humor e música, ele reconhece a devastação sem aceitá-la como a única alternativa sobre toda uma geração.

SERVIÇO

CRUISE - MINHA ÚLTIMA NOITE NA TERRA

Teatro Glauco Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)

Até 2/11, aos sábados, domingos e segundas (20h). Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

Tigre nova-iorquino com listras brasileiras



Thriller de James Gray abre nesta quarta-feira a 50ª Mostra de São Paulo, com produção de Rodrigo Teixeira, astros de Hollywood e uma reflexão sobre a transformação do capitalismo

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Um dos mais prestigiados cineastas americanos da atualidade vai dar o pontapé inicial nas celebrações dos 50 anos da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, nesta quarta-feira (14), às 19h, na Sala São Paulo, com um tigre nova-iorquino que tem listras brasileiras. É “Tigre de Papel” (“Paper Tiger”), thriller de James Gray produzido pela RT Features, do carioca Rodrigo Teixeira, com Adam Driver, Scarlett Johansson e Miles Teller no elenco.

Egresso da competição pela Palma de Ouro do último Festival de Cannes, o longa-metragem será exibido na abertura da histórica edição do evento paulista, ao lado do curta-metragem “Sul de Teerã”, de Kleber Mendonça Filho, sobre o cineasta iraniano Jafar Panahi. A sessão contará com a presença de Gray, que receberá o Prêmio Leon Cakoff, será homenageado com uma retrospectiva e assina ainda a arte do cartaz comemorativo da Mostra.

Dono de uma obra cinematográfica consagrada pela investigação da obstinação, da lealdade e das fraturas familiares, Gray encontra na



Em ‘Paper Tiger’, novo longa de James Gray (abaixo), Adam Driver é um ex-policial que põe sua família num negócio ilícito



James Gray

RT uma aliada de peso. A produtora brasileira, envolvida na conquista do Oscar de “Ainda Estou Aqui” (2024), de Walter Salles, já havia trabalhado com o realizador em “Ad Astra: Rumo às Estrelas” (2019), com Brad Pitt, e em “Armageddon Time” (2022), com Anthony Hopkins e Anne Hathaway. A parceria transformou-se numa amizade alimentada pela cinefilia.

“Qualquer troca com Gray é uma aula de cinema, pois ele tem um conhecimento absurdo”, diz Rodrigo Teixeira, que não esconde o entusiasmo pela colaboração. “Trabalhar com James Gray é muito prazeroso. Eu sempre fui fã dele como cineasta e hoje posso dizer que ele se tornou um grande amigo e um parceiro cinematográfico.”

A nova parceria tem como cenário a Nova York dos anos 1980,

“Qualquer troca com Gray é uma aula de cinema, pois ele tem um conhecimento absurdo”

RODRIGO TEIXEIRA

período em que, segundo Gray, o capitalismo deixou de ser apenas um sistema econômico para assumir proporções quase religiosas. A narrativa acompanha os irmãos Pearl, Irwin (Adam Driver), um engenheiro que constituiu família com Hester (Scarlett Johansson), e Gary (Miles Teller), que seguiu carreira na polícia. Quando Gary apresenta ao irmão uma oportunidade de negócio aparentemente irresistível, ambos acabam envolvidos num esquema criminoso ligado à máfia russa. A promessa de prosperidade transforma-se numa armadilha, enquanto os laços familiares começam a desfazer-se sob o peso da ambição e da violência.

“Estive na URSS em 1984 e era uma confusão. Depois, em 1986, após Chernobyl, a União Soviética acabou por se dissolver e, nesse momento, a década de 1980 tornou-se o período em que o mercado passou a ser um deus. Até o carácter começou a ser monetizado”, explicou Gray durante a conferência de imprensa de “Paper Tiger” em Cannes, onde concorreu pela sexta vez à Palma de Ouro.

A relação entre capital e afeto é uma das marcas da sua filmografia. Reconhecido mundialmente pela precisão cirúrgica dos enquadramentos, Gray afirmou-se no início dos anos 1990 ao conquistar o Leão de Prata do Festival de Veneza com “Fuga para Odessa” (“Little Odessa”, 1994), protagonizado por Tim Roth e Vanessa Redgrave. Depois

vieram “Caminho sem Volta” (“The Yard”, 2000), “Os Donos da Noite” (“We Own the Night”, 2007), “Amantes” (“Two Lovers”, 2008) e “Era Uma Vez em Nova York” (“The Immigrant”, 2013), títulos nos quais as relações de parentesco e os códigos de fidelidade frequentemente se transformam em tragédias. Em “Z: A Cidade Perdida” (2016), o realizador deslocou essa inquietação para a selva amazônica. Já em “Ad Astra”, levou-a ao espaço sideral, numa ficção científica protagonizada por Brad Pitt, na pele de um astronauta que procura o pai desaparecido, interpretado por Tommy Lee Jones. A produção disputou o Leão de Ouro em Veneza e recebeu uma indicação ao Oscar de Melhor Mixagem de Som.

“Gosto do efeito plástico e, em certa medida, existencial, que as viagens, no espaço ou no tempo, geram. Creio que foi o realizador Edwin S. Porter, em ‘The Great Train Robbery’, quem fundou a percepção de que os grandes planos podem decifrar a alma humana e revelar muito sobre a nossa essência apenas com imagens. E o cinema existe para isso”, disse Gray ao Correio da Manhã durante o Festival de Veneza. “Todo o mito, como toda a grande narrativa, parte de um microcosmo”, afirmou.

Essa ideia ajuda a compreender a insistência de Gray em regressar aos conflitos familiares, mesmo quando altera radicalmente a escala dos seus filmes. Em “Tigre de Papel”, o

microcosmo é novamente o de dois irmãos, mas o horizonte histórico é o de uma sociedade que passa a medir o valor humano pela capacidade de produzir riqueza.

“Um dos maiores elogios que posso receber é ouvir que o meu cinema tem coerência. Se há algo a expressar, isso vai repetir-se. Será sempre o mesmo filme, de certa forma. Não sei se amadureci como outros cineastas, porque continuo muito ligado ao que faço”, reconheceu o realizador em Cannes.

Para Rodrigo Teixeira, essa coerência é um dos maiores trunfos de Gray. Carioca radicado em São Paulo, o produtor transformou a RT Features numa das empresas brasileiras de maior circulação internacional, associada a obras como “Me Chame Pelo Seu Nome” (“Call Me by Your Name”, 2017), “O Farol” (“The Lighthouse”, 2019) e “A Vida Invisível” (2019), de Karim Aïnouz. A sua relação com Gray prolonga uma estratégia de coproduções que aproxima o Brasil de alguns dos principais nomes do cinema de autor contemporâneo.

A 50ª Mostra reservará ainda ao cineasta uma retrospectiva com “Fuga para Odessa”, “Caminho sem Volta”, “Os Donos da Noite”, “Era Uma Vez em Nova York” e “Armageddon Time”. Na quinta-feira, dia 15, Gray participará de uma conversa com Walter Salles, depois de nova exibição de “Tigre de Papel”, às 19h, na Sala Petrobras, instalada no Solar Fábio Prado.

Além da sessão inaugural desta quarta-feira, “Tigre de Papel” terá outras três projeções na programação: quinta-feira, dia 15, às 19h, no Solar Sala Petrobras; sexta-feira, dia 16, às 18h45, no Espaço Petrobras de Cinema, sala 1; e terça-feira, dia 27, às 21h, no Cultura Artística.

ENTREVISTA | ILYA KHRZHANOVSKY

CINEASTA

‘O Mal existe dentro de nós, e é lá que precisamos combatê-lo’



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Uma espécie de “Oppenheimer” russo de proporções colossais volta às telas cariocas nesta quarta-feira, às 15h, no Estação Claro Gávea 5, na prorrogação do Festival do Rio. Com 217 minutos, “DAU”, de Ilya Khrzhanovsky, toma como figura central Lev Landau, vencedor do Nobel de Física e um dos maiores nomes da ciência soviética, para atravessar quatro décadas, de 1928 a 1968. Acompanhando o cientista dentro de um instituto de pesquisa secreto da União Soviética, envolvido no desenvolvimento da bomba atômica, o longa observa como os mecanismos de vigilância e coerção do Estado infiltram-se nas relações, nos desejos e nas escolhas mais íntimas.

Premiado com o Leão de Prata de Melhor Direção no Festival de Veneza de 2026, Khrzhanovsky nasceu em Moscou, em 1975, numa família profundamente ligada às artes. É filho de Andrei Khrzhanovsky, um dos mais importantes diretores da animação russa, e neto do artista e ator Yury Khrzhanovsky. Estudou na Academia de Belas Artes de Bonn e no Instituto Gerasimov de Cinematografia e cresceu cercado por artistas que experimentaram diretamente a repressão soviética.

Sua relação com a Rússia contemporânea transformou essa memória em posição política. Depois de divergências com o governo de Vladimir Putin, Khrzhanovsky abriu mão da cidadania russa e já estabeleceu relações entre os mecanismos de poder examinados em “DAU” e a Rússia de hoje. Para ele, entretanto, a força do filme não reside apenas na História. Está no mistério: na possibilidade de o cinema



Divulgação

“A arte não consegue mudar a vida, mas pode fazer alguém sentir alguma coisa que não conseguimos explicar em palavras. E isso pode ajudar uma pessoa a tomar decisões capazes de manter o mundo um pouco melhor”

tornar visível aquilo que não sabemos explicar.

“DAU” fala da União Soviética, mas é um filme sobre o passado?

ILYA KHRZHANOVSKY

- Fiz este filme sobre o presente e sobre o futuro. Usei uma moldura histórica porque é o material que conheço: conheço o material soviético. Não conheço, por exemplo, o

período da ditadura no Brasil, mas tenho certeza de que existem muitas coisas em comum. A máquina totalitária, o comportamento humano, as escolhas, o perigo, os desejos, os talentos. Não podemos escolher

onde nem em que momento da História vamos nascer.

O que o senhor lembra da União Soviética de sua infância?

Minha principal sensação era o medo. O cinza. E as filas. A União Soviética acabou quando eu tinha 16 anos. Meu pai era um conhecido diretor de animação e uma espécie de dissidente. Seus melhores amigos eram artistas dissidentes, artistas proibidos, pessoas que não podiam trabalhar. Tenho uma reação quase alérgica quando vejo uma fila, porque sinto que passei semanas ou meses da minha vida nelas. As crianças eram mandadas para as filas para conseguir pão, carne, qualquer coisa. Para mim, isso se tornou uma espécie de trauma.

Putin é consequência dessa história soviética?

Claro. Acho que o grande problema é que, depois do colapso da União Soviética, a transição foi suave demais. A estrutura anterior nunca foi realmente enfrentada. Na Praça Vermelha ainda existe o túmulo de Stalin, onde se podem colocar flores, e o corpo de Lenin continua lá. O KGB e o Partido Comunista nunca passaram por um verdadeiro processo de responsabilização. Imagine-se, na Alemanha, ainda houvesse um túmulo de Hitler onde fosse possível levar flores. Seria inimaginável.

O sofrimento é necessário para produzir grande arte?

Na Rússia, aprendemos a acreditar que o sofrimento é uma parte necessária da condição do artista. Não acho que seja verdade. Kandinsky não teve uma vida marcada por esse tipo de sofrimento. Picasso também não. Mozart não. Marc Chagall não. Fellini, Antonioni... Há uma lista enorme. Claro que existem artistas que sofreram profundamente, mas não acredito que isso seja condição para alguém ser um verdadeiro artista.

Então por que fazer cinema?

A arte não consegue mudar a vida, mas pode fazer alguém sentir alguma coisa que não conseguimos explicar em palavras. E isso pode ajudar uma pessoa a tomar decisões capazes de manter o mundo um pouco melhor. Penso naquela ideia da borboleta e do movimento de suas asas. Todos os artistas tentam ser essa borboleta: com o movimento das nossas asas, queremos manter este mundo mais bonito e seguro. Mas isso não significa falar apenas de coisas positivas. É preciso saber que o mal não existe somente em algum lugar distante. O Mal existe dentro de nós, e é lá que precisamos combatê-lo.

CRÍTICA FILME | MARIA DE MARIA

POR RODRIGO FONSECA



Nanda Costa roga a Deus e manda bala

Desde que sua diretora, Ilda Santiago, homenageou Sergio Leone (1929-1989) com uma mostra completa, láááááááá em 2004, o Festival do Rio abriu suas portas para o faroeste e acolheu os bons exemplares do gênero que lhe foram oferecidos, mas não teve eco no cinema brasileiro nessa busca, dada a quantidade microscópica de expressões nacionais do gênero. Entretanto, a *Première Brasil* deste ano viu um western digno de prêmio. “*Maria de Maria*” é seu nome.

Luiza Shelling Tubaldini, a realizadora da fita, entendeu as lições que aprendeu vendo um banguê-banguê atrás do outro no perímetro paulista onde cresceu, sobretudo em uma sessão às terças-feiras. Shelling fez jus a uma máxima que o titã espanhol Pedro Almodóvar disparou ao levar a Cannes o curta-metragem “*Estranha Forma de Vida*”,

em 2023: “Os melhores faroestes do mundo hoje são feitos por mulheres”.

Um ano depois de “*Love Kills*”, um longa de vampiros, Luiza Shelling Tubaldini dialoga com o quadrinista Danilo Beyruth (“*Bando de Dois*”). Os enquadramentos da diretora, sobretudo nos closes, lembram os “quadros” das revistinhas da Sergio Bonelli Editore, como *Tex Willer* e o *Ken Parker* de Ivo Milazzo e Giancarlo Berardi – faroestes territoriais, nos quais a Natureza é coprotagonista.

Mais do que o traço quadrinístico, Luiza Shelling Tubaldini avança, sem travas, por códigos pop de outras artes, não apenas pelo próprio cinemão de gênero, mas também pelo épico televisivo, no qual se conversou um bocado com os tropos do faroeste. “*Maria de Maria*” tem suas imperfeições, mas é uma expressão



Nanda Costa vive com brilho a ex-cangaceira que sonha refazer a vida no Centro-Oeste

estética genuína. E tem uma Nanda Costa com sangue no olho.

Sua trama e sua narrativa pa-
peiam frontalmente com “*Os Homens Querem Paz*” (1991), telefilme em forma de especial de TV, baseado num roteiro de 1957 do pa-
raibano Péricles Leal (1930-1999). O enredo de Shelling, escrito por ela com Pablo Padilla (sob engramas de Beyruth), bebe da mesma sede. Nele, vamos ao Brasil de 1940, onde Ma-

ria (Nanda, atordoante a cada cena), uma jovem cangaceira, descobre-se grávida e, após o extermínio de seu bando, foge para o Centro-Oeste para dar à luz e recomeçar sua trajetória neste mundaréu. Aos poucos, contudo, a figura de um coronel de cabresto, encarnado por um Antonio Grassi com pinta de Tommy Lee Jones, ameaça trazer o pior do pretérito imperfeito de Maria.

Vemos, ao longo de uma hora e meia, uma estrutura fordiana de western de desbravamento, à luz de vetores românticos movidos a falas sagazes. A ação... essa diva tão esperada... demora a chegar. Quando chega, é pra ficar na memória, sobretudo pela artesanaria dos enquadramentos de Solitrenick e pela destreza de Nanda, que parece a Cat Ballou de Jane Fonda, em “*Dívida de Sangue*” (1965).

Sem vergonha alguma de estilizar o que vemos, Luiza Shelling Tubaldini fez a gente acreditar no desejo de ter um faroeste nacional. A montagem de Danilo Lemos e Larissa Armstrong é plenamente integrada ao projeto artístico da diretora e coerente com as gramáticas do faroeste dos anos 1940 e 1950, num dinamismo exemplar.

PARABÉNS AOS PREMIADOS.
MAS QUEM VENCEU MESMO
FOI O AUDIOVISUAL NACIONAL.

NASCEU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, DO CORREIO DA MANHÃ: UMA ESTATUETA, UM JÚRI DE JORNALISTAS E UM OLHAR DEDICADO AOS FILMES QUE LEVAM A PLURALIDADE DE UM PAÍS QUE É MUITOS BRASIS. CONHEÇA OS VENCEDORES:



NOVA MÚSICA CONVIDA 2026

**GRANDES
ENCONTROS
PARA A MÚSICA
VIVER AQUI.**

O Nova Música Convida reúne shows, encontros, oficinas musicais, exposições audiovisuais e feira de economia criativa, destacando artistas, produtores e agentes culturais da cena local.

Confira a programação em:
sescrj.org.br



**10 A 31
DE OUTUBRO**

**SESC SÃO GONÇALO
E SESC BARRA MANSA**

sesc